



BIANCA CAMARGO MARTINS  
(ORGANIZADORA)

# O ESSENCIAL DA ARQUITETURA E URBANISMO 4

 **Atena**  
Editora

Ano 2019

Bianca Camargo Martins  
(Organizadora)

# O Essencial da Arquitetura e Urbanismo 4

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Rafael Sandrini Filho  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E78	<p>O essencial da arquitetura e urbanismo 4 [recurso eletrônico] / Organizadora Bianca Camargo Martins. – Ponta Grossa (SP): Atena Editora, 2019. – (O Essencial da Arquitetura e Urbanismo; v. 4)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-707-9 DOI 10.22533/at.ed.079191510</p> <p>1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Martins, Bianca Camargo. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 720</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

“A obra de arquitectura concretiza a síntese entre o pensamento do arquitecto (ainda que abstrato ideológico) e a realidade. Uma realidade que é antes de mais a condição geográfica: a arquitectura transforma uma condição de natureza numa condição de cultura. Esta transformação modifica um equilíbrio espacial existente num novo equilíbrio. O encontro entre o mundo ideológico do pensamento, o mundo abstrato do desenho e o mundo da realidade é também encontro com uma situação histórica, com uma entidade cultural, com uma memória da qual o território está impregnado e que, julgo, a arquitectura deve reler e repropor através de novas interpretações, como testemunho das aspirações, das tensões, das vontades de mudança no nosso tempo”.

Mário Botta, 1996.

A prática da Arquitectura e do Urbanismo está em constante evolução. A atualização da relação entre arte, técnica e mercado deve se dar não apenas com ênfase na prática profissional, mas deve ocorrer também para aproximar os profissionais dos problemas habitacionais, urbanos e sociais da população.

As ideias desenvolvidas na presente edição do livro “O Essencial da Arquitectura e Urbanismo” reafirmam a importância da discussão e da consolidação do espaço de trabalho do arquiteto e urbanista enquanto profissional capaz de transformar espaços, edifícios e cidades.

A Atena Editora reafirma seu compromisso na divulgação científica ao oferecer a publicação de pesquisas de grande relevância desenvolvidas nas mais diversas instituições de ensino superior, sejam elas particulares ou públicas, distribuídas entre vários estados do país.

Convido você a aperfeiçoar seus conhecimentos e refletir com os temas aqui abordados. Boa leitura!

Bianca Camargo Martins

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
UM OLHAR SOBRE AS FORMAS DE ENSINAR A DISCIPLINA DE PROJETO	
Vanderlei Rotelli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915101	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
O ANTIGO NO CONTEMPORÂNEO: TRANSFORMAÇÕES ARQUITETÔNICAS NA CHINA E O CASO DO CONJUNTO HABITACIONAL PARA AGRICULTORES NA VILA DE DONGZIGUAN (DISTRITO DE FUYANG)	
Brenda Mesquita de Araújo	
Beatriz de Jesus Bessa Fernandes	
Leonardo Oliveira Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0791915102	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>45</b>
RELEVÂNCIA CULTURAL DA MODERNIDADE NA VIRADA DO SÉCULO XXI NA ARQUITETURA BRASILEIRA	
Samir Set El Banate	
Manoel Lemes Silva Neto	
Julia Naves Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915103	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>57</b>
A ARQUITETURA RELIGIOSA MODERNA NO BRASIL	
Ana Paula Borghi de Avelar	
Luíz Carlos de Laurentiz	
DOI 10.22533/at.ed.0791915104	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>70</b>
CENTRO PARA CULTURA UNDERGROUND	
Daniel Conforte da Silva Lemos	
Ernani Simplício Machado	
Mauro Santoro Campello	
DOI 10.22533/at.ed.0791915105	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>82</b>
PROJETO 'GIGANTE PARA SEMPRE': ANÁLISE DE UM GRANDE PROJETO URBANO DA COPA DO MUNDO DE 2014	
Silvana Kaster Tavares	
Andréa Magalhães Viana	
Fábio Bortoli	
DOI 10.22533/at.ed.0791915106	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>93</b>
O CENÁRIO ATUAL DAS EDIFICAÇÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO LUÍS: O SOLAR BARÃO DE GRAJAÚ, ANTIGO MUSEU DE ARTE SACRA	
Maria Paula Fernandes Velten Pereira	
Ingrid Rayssa dos Santos Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0791915107	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>104</b>
IDENTIFICAÇÃO DO VALOR CULTURAL QUE UMA EDIFICAÇÃO PROJETA SOBRE A SOCIEDADE: O CASO DA CAPELA RIBEIRA EM SERGIPE/BR	
Eder Donizeti da Silva Adriana Dantas Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0791915108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>120</b>
CELEBRAR A CIDADE:IMAGENS E DISCURSOS SOBRE A CIDADE DE GUARAPUAVA-PR (1960- 1990)	
Michel Kobelinski	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0791915109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>136</b>
AVALIAÇÃO DA REQUALIFICAÇÃO E DO PADRÃO DE QUALIDADE DO ESPAÇO PÚBLICO NA RUA OSCAR FREIRE EM SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>147</b>
CONCEITOS SOBRE PRÁTICAS SOCIAIS E TRANSFORMAÇÕES URBANAS NA RUA OSCAR FREIRE, SÃO PAULO	
Ana Maria Sala Minucci Roberto Righi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>159</b>
RIO E CIDADE: O DESENHO URBANO ENTRELACADO COM A NATUREZA	
Claudine Machado Badalotti Marciano Balbinot	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>169</b>
ANÁLISE DA ARBORIZAÇÃO URBANA NA ÁREA CENTRAL DO MUNICÍPIO DE QUIXADÁ	
Flavia Pinheiro de Alencar Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>182</b>
MOBILIDADE URBANA EM ERECHIM-RS: ANÁLISE DE VIABILIDADE DE CICLOVIA NO BAIRRO CENTRO	
Natália Moretto Basso Daiane Cláudia Biasi Miranda Bianca do Amaral Esmelindro Mariele Zawierucka Bressan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151014</b>	

<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>191</b>
O SONHO DA CASA PRÓPRIA: UM LUGAR PARA CHAMAR DE MEU	
Fernanda Joyce Ferreira Barroso	
Rose-France de Farias Panet	
Luiz Phelipe de Carvalho Castro Andrès	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151015</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>200</b>
ESTRATÉGIAS BIOCLIMÁTICAS URBANAS: UMA APLICAÇÃO PARA CIDADE DE CLIMA TROPICAL	
Fernanda Miguel Franco	
Arthur Guilherme Schirmbeck Chaves	
Marta Cristina de Jesus Albuquerque Nogueira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151016</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>212</b>
REGENERAÇÃO DA PAISAGEM: O “ELEMENTO NATUREZA” NA EDIFICAÇÃO DAS CIDADES	
Carolina Caldas Barducci	
Dalva Olívia Azambuja Ferrari	
Lucas Farinelli Pantaleão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.07919151017</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>225</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>226</b>

## CENTRO PARA CULTURA UNDERGROUND

### **Daniel Conforte da Silva Lemos**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade  
de Arquitetura e Urbanismo  
Juiz de Fora – Minas Gerais

### **Ernani Simplicio Machado**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade  
de Arquitetura e Urbanismo  
Juiz de Fora – Minas Gerais

### **Mauro Santoro Campello**

Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade  
de Arquitetura e Urbanismo  
Juiz de Fora – Minas Gerais

**RESUMO:** Este trabalho foi apresentado como avaliação final do Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAU-UFJF no ano de 2018. O presente artigo visa analisar as potencialidades da área central da cidade de Juiz de Fora (MG) para implantação de um equipamento cultural de apoio à cultura *underground* da cidade. Inicialmente contextualiza-se a cultura *underground* no mundo e mais especificamente no cenário de Juiz de Fora. Posteriormente, foi feito um diagnóstico acerca da disponibilidade de locais para apresentação ao vivo voltadas para os artistas iniciantes e público do *underground* juiz-forano. Foi detectada uma carência de espaços de apresentação em meio a área central. É importante destacar

que a maioria das manifestações culturais *underground* acontecem nos espaços públicos e privados da área central, logo, com base na contextualização exposta, justifica-se a implantação do equipamento Centro para Cultura *Underground* em meio ao conjunto arquitetônico da Praça Dr. João Penido, pois este é um importante espaço de apoio para apresentações ao vivo do movimento *underground* da cidade, além de ser tombada a nível municipal (Decreto 6614/99), o que resulta em alguns impasses atrelados ao processo de projeto, envolvendo a legislação urbana e critérios de tombamento. É importante frisar que a implantação do equipamento cultural, em meio a um entorno tombado visa respeitar a integridade, visibilidade e a distinguibilidade dos edifícios circundantes. Esses obstáculos refletem diretamente na resolução formal que é proposta para o edifício.

**PALAVRAS-CHAVE:** arquitetura; contracultura; centro cultural; cultura *underground*

### CENTER FOR THE UNDERGROUND CULTURE

**ABSTRACT:** This paper was presented as a final evaluation of the Trabalho de Conclusão de Curso II of the Architecture and Urbanism course of the FAU-UFJF in the year 2018. This article

aims to analyze the potentialities of the central area of the city of Juiz de Fora (MG) for implantation of a cultural equipment of support to the city's underground culture. Initially contextualizes the underground culture in the world and more specifically in the scenario of Juiz de Fora. Subsequently, a diagnosis was made about the availability of venues for live performance aimed at amateur artists of the city's underground movement. There was a lack of presentation venues in the middle of the central area. It is important to emphasize that most of the underground cultural manifestations take place in the public and private spaces of the central area. So based on the contextualization exposed, it is justified the implantation of the Center for Underground Culture equipment in the middle of the architectural complex of Praça Dr. João Penido. Because this is an important space for support for live presentations of the city's underground movement, in addition to being taken by heritage at municipal level (Decree 6614/99), which results in some impasses tied to the project process, involving urban legislation and heritage criteria. It is important to emphasize that the implementation of the cultural equipment, in the midst of an overturned environment, aims at respecting the integrity, visibility and distinguishability of the surrounding buildings. These obstacles directly reflect the formal resolution that is proposed for the building.

**KEYWORDS:** architecture; counterculture; culture; underground culture

## CULTURA *UNDERGROUND* NO MUNDO

### Um breve histórico sobre o início contracultura até os dias atuais

Com as revoluções tecnológicas, os novos meios de comunicação e a própria indústria musical, surgem então certos fenômenos sociais em camadas da sociedade, alguns em decorrência das novas tecnologias e outros pelos estilos da indústria musical (KEMP, 1993). O advento do movimento *underground* (ou contracultura) ocorreu na década de 60, nas casas de *jazz* norte-americanas, dotado de um forte viés ideológico de oposição à grande mídia e ao capitalismo. Foram nessas casas noturnas que as pessoas se distanciavam do *mainstream* (termo usado para inferir o que não faz parte do *underground*, ou seja, o que é da moda) da vida social, instituindo os grupos de estilo, criando uma frente de oposição política, oculto dos holofotes da mídia, indicando que está “abaixo”, como no próprio significado da palavra *underground*, do inglês, no subsolo (KEMP, 1993).

Os grupos de estilo, são definidos por grupos de pessoas com práticas sociais contrastantes, ligadas por um sentimento comum, este relacionado a um gênero musical. Em suma, grupos de estilo remetem à formação de coletividades de jovens, que como elemento principal de pertencimento a um grupo, tomam um estilo musical, este não se restringindo somente ao *rock*, pois pode englobar o *rap*, *hip hop*, e *funk* (norte americano e o brasileiro). S, são culturas marginalizadas, oriundas do *underground* da vida social. Importante frisar que a moda *underground* vai além da proposta estética

(trajes, vestimentas típicas dos grupos de estilo). E é um modo de comportamento social, que acaba criando denominações como: *rocker, teddy boy, hippie, thrasher, punk, hip-hop, clubber, funk, skinhead, grunge, funker, rapper*, etc (CHAMBERS, 1986 *apud* KEMP, 1993).

Todavia, a contracultura da década de 1960 é diferente do cenário atual, uma vez que outrora havia delimitação etária nas casas de show. O mercado musical era escasso para o jazz e este também se relacionava com a situação do negro na sociedade norte-americana, e o caráter subversivo do movimento era forte e consolidado (*ibidem*). Entretanto, nos dias que correm, o cenário é diferente. A relação entre mídia e *underground* se torna um elemento não excludente, isto é, os integrantes do movimento buscam criar novas estratégias de se relacionarem com o mercado musical, ou melhor dizendo, cria-se o *underground* dos meios virtuais, sites de divulgação e financiamento de bandas independentes.

O *underground* visa a construção de uma imagem pública, de forma a reunir pessoas e acionar atitudes nos indivíduos que compõem e lutam para manter a cena local (*ibidem*). É comum no meio *underground* o uso da denominação “cena” para se referir ao meio musical-social de um estilo em um lugar qualquer, englobando todo e qualquer indivíduo atrelado ao movimento, sendo de modo qualitativo ou quantitativo. Fazem parte desta “cena” os produtores musicais, o público, os assistentes, os divulgadores, etc. (BAUDRILLARD, 1972 *apud* KEMP, 1993)

Assim, o *underground* sofreu inúmeras mutações com o passar do tempo. Todavia, a essência continua a mesma: um espírito que vai contra as tendências do *mainstream*. Entretanto, ele não é tão oculto quanto já foi outrora, uma vez que as ferramentas de divulgações que os integrantes de um movimento contracultural usam, são as mesmas da indústria do *mainstream*. Com a universalização dos meios de divulgação, a ideologia inicial do movimento se diluiu, porém a ideia original continua intacta na mente dos integrantes do *underground*. Importante destacar que dentro do movimento também existem modas, padrões e tendências internas que mudam com o passar do tempo (DUNCOMBE, 1997).

### **Cultura *underground* em Juiz de Fora**

O movimento *underground* em Juiz de Fora iniciou-se em 1984, com a inauguração do Centro Cultural Pró Música, e em 1990 houve um impulso na cena com a criação da lei municipal de incentivo à cultura, a Lei Murilo Mendes, que financia manifestações e eventos alternativos nos espaços públicos da cidade (informação verbal).

Nos dias que correm, Juiz de Fora é um polo cultural forte na região, com festivais de música independentes financiados pela Lei Murilo Mendes como o Festival de Bandas Novas, que já teve 19 edições e ocorre em diversos pontos da cidade. Cerca de 900 bandas já se apresentaram no evento, que movimenta o mercado cultural

e o comércio da cidade. Outro evento que merece destaque é o *JF Rock City*, um importante propulsor da cena uma vez que o festival oferece apoio às bandas novas que surgem na cidade, disponibilizando lugares e infraestrutura básica para que possam apresentar seu som autoral. O evento é de caráter beneficente e mais de 250 bandas da cidade e região já passaram pelo festival, e o mesmo foi intitulado como o maior festival de música autoral da Zona da Mata Mineira (informação verbal).

Entretanto, embora seja um polo cultural na região, a cidade carece de uma maior flexibilização para utilização dos espaços públicos para apresentações ao vivo, cabendo aos eventos que ocorrem ocasionalmente no decorrer do ano em casas noturnas com estrutura para apresentações ao vivo para abrigar esses artistas do *underground*. As principais casas de show de Juiz de Fora são localizadas distantes do centro da cidade. Normalmente, estes estabelecimentos privilegiam artistas de renome municipal e que tendem a movimentar financeiramente essas casas noturnas, dificultando o acesso de novos expoentes a estes espaços estruturados. Também, devido a localidade, torna difícil o deslocamento do público e artistas pois os estabelecimentos encontram-se afastados da área central da cidade, logo a locomoção do público se complica e o uso das casas de show fica restrito a determinados artistas.

Em suma, dada a problemática mencionada anteriormente, é proposto o Centro Cultural como apoio para a cena *underground* da cidade locado em meio a área central, oferecendo espaços de apoio para os artistas do movimento alternativo juiz-forano, tornando-se mais um sustentáculo para a cena da cidade.

### Contextualização de sítio

Juiz de Fora cresceu às margens do Caminho Novo, uma de inúmeras rotas traçadas pela coroa portuguesa na região para escoamento do ouro na província de Minas Gerais para a capital do país na época, Rio de Janeiro. (CORDOVIL, 2011)

Com o desenvolvimento da cidade, a Avenida Getúlio Vargas se torna uma linha imaginária referencial que segrega espacialmente as partes baixas e altas da área central, com as ruas Halfeld e Marechal Deodoro se consolidando como importantes polos comerciais para a cidade.

Com a chegada da linha férrea, é construído o Largo da Estação (atual Praça Dr. João Penido) e a Estação de Juiz de Fora (atual Escola de Belas Artes Antônio Parreiras), bem como os primeiros hotéis, sendo outrora considerada a “porta de entrada” da cidade uma vez que o trânsito de pessoas na região ocorria pela linha férrea (JUNQUEIRA, 2006 *apud* BRAIDA, 2011). Na área central da cidade, consolidou um conjunto arquitetônico no final do século XIX, que torna esse espaço singular a nível local e regional. A ocupação e parcelamento do solo em Juiz de Fora se difere das cidades tradicionais mineiras. A malha urbana é ortogonal, retilínea e padronizada, dando a aparência de que a cidade foi planejada. (SAMPAIO, 2010)

Identificamos o centro de Juiz de Fora como uma localidade especial, com ícones

e monumentos do passado que representam a história e o patrimônio cultural da cidade. A localidade é definida por Sampaio (*ibidem*) como o “Triângulo da Memória de Juiz de Fora”, pois a morfologia da área central é delimitada por um triângulo formado pelas avenidas Rio Branco, Itamar Franco e Francisco Bernardino (figura 1).



Figura 1: Espaços e edifícios culturais e delimitação do triângulo central

Fonte: Elaborado pelos autores.

Entretanto, com a interrupção do tráfego ferroviário de passageiros na década de 1970, a vitalidade urbana da Praça Dr. João Penido e cercanias foi comprometida, com um aumento crescente da violência na área com o passar do tempo e se estendendo até os dias atuais (GIROLETTI, 1988). A praça foi palco de inúmeros eventos e manifestações culturais com o passar do tempo, inclusive foi um importante apoio para a cena *underground* da cidade, por isso, foi o espaço escolhido para a implantação do equipamento cultural que será melhor detalhado no capítulo a seguir.

### Implantação do equipamento cultural

A proposta conceitual é ter o Centro Cultural como extensão da Praça Dr.

João Penido, cujo espaço marca simbolicamente o início da modernidade de Juiz de Fora. Um dos símbolos dessa contemporaneidade pode ser representado pela cultura popular musical de sua sociedade, que no passar dos anos até a atualidade, essa característica se faz presente. Juiz de Fora é considerada “berço” de inúmeros expoentes artísticos de renome no mercado nacional, entretanto, um dos vieses que recebeu pouca importância foi o movimento *underground* da cidade.

Parafraseando o arquiteto e urbanista Lúcio Costa, a ideia que norteou o projeto para a Praça Dr. João Penido foi a tomada de posse do lugar, pois a cena *underground* juiz-forana não possui um lugar fixo, e o uso atual da Praça não é tão definido (COSTA, 1995). A tomada de posse do lugar é representada por uma série de mastros em aço cortén com posições pré-definidas para engastar uma cobertura têxtil efêmera que cobre uma parte da praça, de forma a oferecer espaços de permanência para o pedestre e de apoio para feiras urbanas que ali ocorrem, logo, a cobertura pode ser instalada de acordo com a demanda (Figura 2).



Figura 2: Fotomontagens explicitando a Praça Dr. João Penido com e sem a cobertura têxtil.

Fonte: Google Maps - modificada pelos autores.

Através de análises em arquivos históricos da cidade, foi possível mapear mudanças que ocorreram na Praça Dr. João Penido e cercanias de forma a tomar decisões de projeto. Desta forma, é proposta a retomada do traçado do ano de 1946 da praça, no qual as áreas verdes eram mais predominantes (Figura 3).

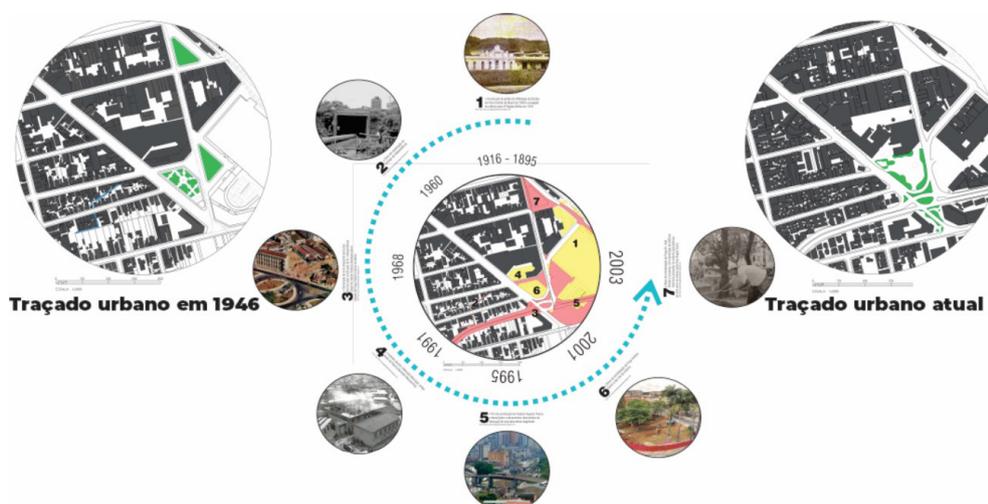


Figura 3: Esquema de evolução do traçado urbano com o passar do tempo

Fonte: Elaborado pelos autores.

O local escolhido para implantar o equipamento cultural foi o que atualmente abriga um estacionamento particular. Esta edificação e seu uso destoam-se em meio ao conjunto arquitetônico da praça. O edifício é de nenhuma significação histórica e cultural, o que compromete o espaço, destoasse em comunicação estética e tipológica do conjunto arquitetônico circundante. Deste modo, justifica-se a proposta de demolição deste edifício, propiciando cerca de 3000m<sup>2</sup> para implantação do equipamento cultural proposto nesta pesquisa (Figura 4).



Figura 4: Fotos explicando o edifício escolhido para implantar o projeto

Fonte: Imagem A: Retirada do Google Earth e editada pelos autores; Imagem B: Adaptado por Conforte (2018).

A proposta de implantação visa ocupar o mínimo ao nível do solo, para assim liberar o máximo de espaço para implantar uma nova praça urbana, privilegiando o caminhar e a permeabilidade visual do pedestre. Nessa nova praça urbana são propostas arquibancadas e canteiros triangulares, com uma concha acústica executada em aço cortén e membrana tensionada para apresentações ao vivo em meio a nova praça, podendo ser instalada conforme a demanda (Figura 5).



Figura 5: Foto 1 – Praça Dr. João Penido pré implantação do Centro Cultural. Foto 2 – Fotomontagem com implantação do Centro Cultural.

Fonte: Imagens extraídas do Google Earth e modificadas pelos autores.

O Centro foi dividido em dois blocos, um no subsolo e outro ao nível da rua. Para o bloco acima do solo foi proposto um chanfro de 40° na forma do edifício, de forma a se integrar visualmente à Praça Dr. João Penido e gerar menor impacto visual nas cercanias, uma vez que o entorno é salvaguardado pela Divisão de Patrimônio Artístico Cultural (DIPAC) de Juiz de Fora. Este bloco vai abrigar ateliês no térreo e salas de dança e música no primeiro pavimento (Figura 6).

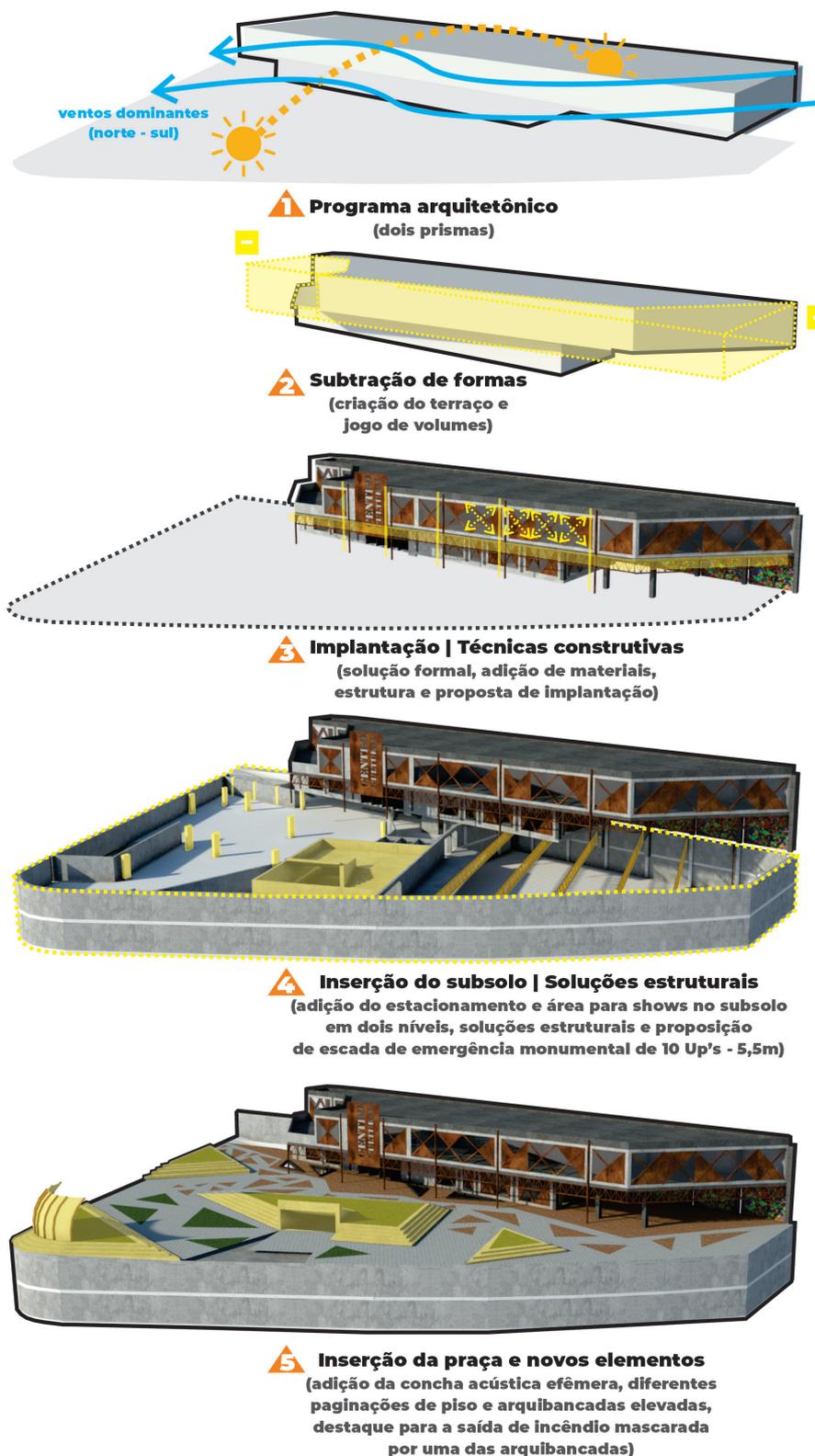


Figura 6: Diagrama de composição formal do Centro Cultural

Fonte: Conforte (2018).

O bloco no subsolo abriga as maiores áreas do Centro, como o estacionamento e área para apresentações ao vivo, sendo o próprio subsolo um isolante acústico para atenuar os ruídos gerados pelas performances. Em termos conceituais, o uso do subsolo faz alusão aos artistas do *underground* juiz-forano, pois os mesmos sempre estiveram ocultos dos holofotes da mídia, como no próprio significado da palavra *underground* (Figura 7).

O sistema estrutural proposto para a área de apresentações ao vivo precisou eliminar quaisquer pilares em meio ao público, criando um espaço livre, para isso, são propostas treliças metálicas de 1,2m de altura juntamente com o travamento lateral da escada de emergência de 5,5m de largura em concreto estrutural. Para o estacionamento e em volta de todo subsolo são propostas também paredes diafragma de forma a sustentar todo subsolo. Na parte superior do edifício são propostos pilares de concreto e vigas *vierendeel* para estruturar e vencer os grandes vãos e balanços (Figura 8).



Figura 7: Desenho digital explicitando o uso conceitual do subsolo no projeto.

Fonte: Conforte (2018).

#### conforto ambiental

- 1- brises removíveis triangulares em aço cortén engastados na estrutura da fachada oeste
- 2- vãos de ventilação
- 3- espelhos d'água próximos a entrada principal
- 4- aberturas zenitais p/ iluminação da área de shows

#### sistema estrutural

- 5- lajes vierendeel - p/ vencer grandes vãos, sistema de lajes independentes
- 6- treliça e pilares atirantados p/ aliviar tensões no balanço do edifício
- 7- sistema estrutural misto: parede diafragma + pilares de concreto p/ sustentação do subsolo
- 8- treliças robustas p/ sustentação do grande vão da área p/ shows, com travamento lateral com a escada de emergência em alvenaria estrutural

#### elementos

##### circundantes

- 9- arquibancadas elevadas como espaços de permanência
- 10- arquibancada elevada p/ mascarar saída de emergência em meio praça
- 11- concha acústica em membrana tensionada engastada em mastros de aço cortén.

##### elementos internos

- 12- espaços versáteis e flexíveis (layout dinâmico) e permeáveis devido às cortinas de vidro.

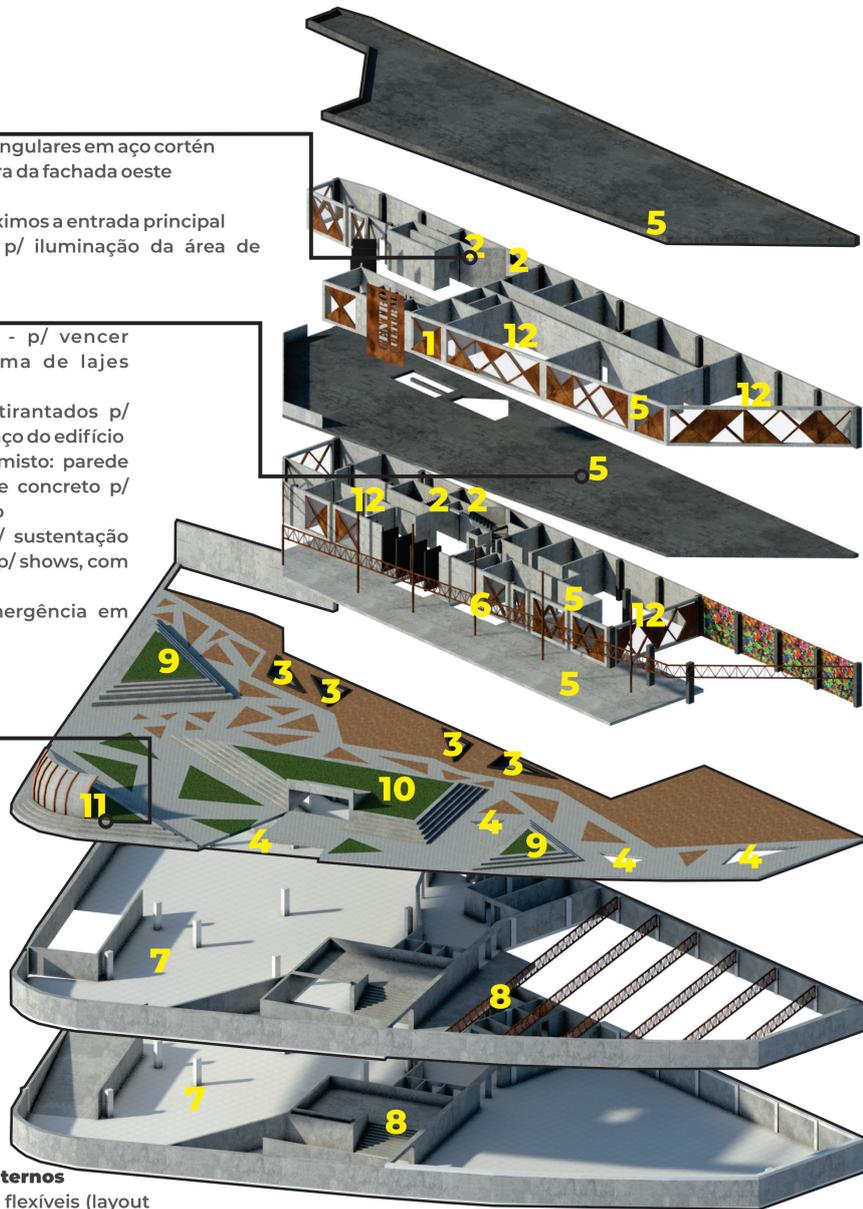


Figura 8: Perspectiva explodida explicando técnicas e sistemas construtivos.

Fonte: Conforte (2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação de um complexo cultural impulsionaria a dinâmica local, com um maior contingente de pessoas circulando pelas cercanias, amenizando problemas de violência urbana, pois existem algumas áreas frágeis na área central, com menor número de transeuntes em determinados horários do dia devido à falta de espaços seguros e de incentivo de permanência, tornando um cenário propenso a incidência de delitos e um declínio da segurança no entorno, portanto, uma rua só é segura por si só quando mantém a rotatividade de pessoas ao longo do dia, aumentando o número de olhos atentos ao nível da rua, convidando pessoas dos edifícios do entorno a olharem pela janela e observarem as pessoas transitando, estabelecendo uma “vigília” em

relação aos fatos que ocorrem nas ruas. (JACOBS, 2007)

Um espaço cultural em meio à área central da cidade seria mais um sustentáculo para a produção cultural da cidade, facilitaria questões de mobilidade dos indivíduos em direção aos espaços culturais, pois a maioria das casas de shows se encontram nas imediações da cidade, dificultando o deslocamento. A criação de um espaço em local mais central, com possibilidades de diferentes modais de acesso contribuiria para o fortalecimento do mercado cultural da cidade, assim como o comércio local.

Em síntese, o equipamento cultural visa oferecer espaços (Figuras 9,10 e 11) nos quais os integrantes da cena *underground* da cidade se identifiquem e possam se expressar artística e culturalmente, sendo um lugar de apoio e infraestrutura para apresentação de artistas iniciantes e experientes. Pressupõe-se que o equipamento cultural auxilie na revitalização da dinâmica urbana das partes baixas do centro da cidade, especialmente nas cercanias da Praça Dr. João Penido, com novas áreas de permanência que privilegiem o caminhar do pedestre e atraiam pessoas para usufruírem dos novos espaços criados.



Figura 9: Imagem renderizada do edifício do Centro Cultural

Fonte: Elaborada pelos autores



Figura 10: Imagem renderizada da área para shows

Fonte: Elaborada pelos autores

## REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. **PARA UMA CRÍTICA DA ECONOMIA POLITICA DO SIGNO**. São Paulo: Martins Fontes. Col.Arte & Comunicação.
- BRAIDA, F. **Passagens em rede: a dinâmica das galerias comerciais e dos calçadões nos centros de Juiz de Fora e Buenos Aires**. Juiz de Fora: Funalfa: Ed. UFJF, 2011;
- CHAMBERS, Iain. **POPULAR CULTURE – The Metropolitan Experience**. London, 1986.
- CORDOVIL, W. D. **Territorialidades Urbanas: A colônia alemã de Dom Pedro II e a industrialização de Juiz de Fora – Minas Gerais**. Monografia, Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, 2011.
- COSTA, Lúcio. **Registros de uma Vivência**. Rio de Janeiro: Empresa das Artes, 1995. p.283.
- DUNCOMBE, Stephen. **Notes from the Underground**, University of New York City, 1997.
- GIROLETTI, Domingos. **A Industrialização de Juiz de Fora: 1850 a 1930**. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1988.
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- JUNQUEIRA, P. T. **De cidade à centralidade: formação dos centros e o processo de descentralização nas cidades de médio porte**. Estudo de caso: Juiz de Fora. 2006. 106 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- KEMP, Kênia. **“GRUPOS DE ESTILO JOVENS: O ‘Rock Underground’ e as práticas (contra) culturais dos grupos ‘punk’ e ‘thrash’ em São Paulo.”**, UNICAMP, 1993.
- SAMPAIO, Júlio César. **Triângulo da Memória de Juiz de Fora**. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Arborização urbana 144, 145, 156, 161, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 179, 180, 181, 207

Arquitetura brasileira 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 63, 64, 65

Arquitetura contemporânea 13, 14, 37, 45, 63, 68

Arquitetura moderna 6, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 54, 55, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69

### C

Centro cultural 70, 72, 73, 74, 76, 77, 80

Cidades verdes 212

Conforto ambiental 7, 200, 202, 203, 207, 213, 222

Conservação 61, 62, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 110, 118, 167, 171, 176

### D

Desenho urbano 136, 140, 159, 225

Direito à moradia 191, 192, 193, 197, 198, 199

Diversidade urbana 147, 151, 157

### E

Espaço público 53, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156

### G

Grandes projetos urbanos 82, 83, 84, 87, 91

### I

Infraestrutura 18, 27, 31, 49, 51, 52, 73, 80, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 123, 129, 130, 131, 132, 138, 140, 170, 174, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 189, 192, 193, 196

### M

Metodologia de ensino 1

Mobilidade urbana 18, 31, 90, 164, 182, 183, 184, 185, 187, 189, 190

### N

Neurbanism 82

## P

Patrimônio 62, 74, 77, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 119, 125, 130, 168, 171, 180, 193, 225

Pesquisa 1, 3, 4, 5, 10, 11, 13, 35, 39, 52, 55, 56, 62, 65, 76, 83, 91, 94, 128, 142, 151, 167, 169, 172, 173, 174, 177, 179, 181, 182, 186, 187, 189, 197, 198, 203, 204, 212, 214, 215, 222, 223, 224

Planejamento urbano 91, 130, 146, 151, 152, 157, 159, 163, 169, 170, 180, 182, 183, 184, 189, 199, 202, 225

Práticas sociais 54, 71, 147, 151, 152, 153

Preservação 12, 14, 21, 26, 27, 30, 41, 51, 93, 94, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 125, 130, 131, 165, 172, 180, 181, 205, 207, 225

Projeto 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 21, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 45, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 61, 63, 64, 65, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 99, 102, 103, 124, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 175, 176, 183, 186, 188, 189, 192, 196, 197, 198, 206, 211, 213, 214, 221, 222, 224, 225

## Q

Qualidade urbana 136, 141, 180

## R

Requalificação urbana 136, 139, 147, 148, 155, 183

## U

Urbanismo 1, 2, 4, 8, 10, 12, 13, 40, 43, 45, 47, 50, 55, 56, 57, 70, 81, 104, 113, 136, 140, 146, 147, 154, 159, 176, 181, 182, 191, 200, 201, 210, 225

Urbanismo sustentável 200

## V

Vida pública 147, 151, 153, 154, 155, 156, 157

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-707-9



9 788572 477079